



FACULDADE EVANGÉLICA DE GOIANÉSIA

NÚBHIA FERNANDA DO PRADO FERREIRA

**AUTOMEDICAÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM EM UMA
MATERNIDADE**

Publicação nº: 01/2020

Goianésia

2020



FACULDADE EVANGÉLICA DE GOIANÉSIA

NÚBHIA FERNANDA DO PRADO FERREIRA

**AUTOMEDICAÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM EM UMA
MATERNIDADE**

Artigo TCC apresentado ao curso de Bacharel em Enfermagem da Faculdade Evangélica de Goianésia – FACEG – como requisito para a obtenção do grau de bacharel, sob a orientação do(a) prof.(a) Dr. Elias Emanuel Silva Mota.

Orientador: Dr. Elias Emanuel Silva Mota

Goianésia

2020

**ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA EVANGÉLICA
FACULDADE EVANGÉLICA DE GOIANÉSIA
CURSO DE ENFERMAGEM**

**AUTOMEDICAÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM EM UMA
MATERNIDADE**

NÚBHIA FERNANDA DO PRADO FERREIRA

**ARTIGO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM APRESENTADA COMO
PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE
BACHAREL EM ENFERMAGEM.**

APROVADA POR:

ELIAS EMANUEL SILVA MOTA, Dr.
Faculdade Evangélica de Goianésia – FACEG
ORIENTADOR

JOCELI RIBEIRO DOS SANTOS PEREIRA, ESP.
Faculdade Evangélica de Goianésia – FACEG
EXAMINADORA

LILHIAN ALVES DE ARAÚJO, DRA.
Faculdade Evangélica de Goianésia – FACEG
EXAMINADORA

Goianésia/GO, 27 de novembro de 2020.

FICHA CATALOGRÁFICA

FERREIRA, N. F. P. Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma maternidade, 2020. 22p.

Artigo de Graduação – Faculdade Evangélica de Goianésia, 2020.

1. Automedicação. 2. Enfermagem. 3. Saúde.

REFERÊNCIA

FERREIRA, N. F. P. Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma maternidade. Orientação de Elias Emanuel Silva Mota; Goianésia: Faculdade Evangélica de Goianésia, 2020, 22p. Artigo de Graduação.

CESSÃO DE DIREITOS

NOME DO AUTOR: NÚBHIA FERNANDA DO PRADO FERREIRA

GRAU: BACHAREL EM ENFERMAGEM

ANO: 2020

É concedida à Faculdade Evangélica de Goianésia permissão para reproduzir cópias deste Artigo de Graduação para única e exclusivamente propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte deste Artigo pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada à fonte.

Nome: Núbha Fernanda do Prado Ferreira

CPF: 037.960.751-42

Endereço: Residencial Jardim Mariana, Bloco 18, Apto. 403

E-mail: nubhiafernanda@outlook.com

Minha eterna gratidão aos meus pais, Sinecio José e Cleusa Prado, que nunca desistiram de mim. Saibam que todo esforço ao longo destes cinco anos foi por vocês e para vocês.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sinécio José e Cleusa Prado, por todo o apoio conferido a mim ao longo desta jornada e, também, por terem acreditado que eu seria capaz. Obrigado!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Elias Emanuel Silva Mota, que assumiu a responsabilidade, em meio ao processo, de finalizar ao meu lado este estudo. Obrigado pelas incontáveis sugestões e aprimoramentos. Sem a sua ajuda este trabalho não teria sido concretizado.

Aos professores do Curso de Enfermagem, por sua dedicação em transmitir seus conhecimentos e suas experiências, muitas das quais levarei comigo para enfrentar os desafios futuros.

À Faculdade Evangélica de Goianésia, por ter oportunizado a concretização de um sonho: ser enfermeira.

A todos os colegas que reuni ao longo dos anos em que frequentei o Curso de Enfermagem. Muitos dos quais se tornaram amigos e amigas para toda a vida.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste estudo, especialmente aos respondentes da pesquisa.

A ciência moderna ainda não produziu um medicamento tranquilizador tão eficaz como o são umas poucas palavras boas.

Sigmund Freud

SUMÁRIO

Resumo	9
Abstract	9
INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA.....	11
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	12
CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS.....	18

AUTOMEDICAÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM EM UMA MATERNIDADE

SELF-MEDICATION BETWEEN NURSING PROFESSIONALS IN A MATERNITY

(será submetido a Revista Contexto e Saúde)

Núbia Fernanda do Prado Ferreira,¹ Elias Emanuel Silva Mota²

Resumo

Objetivo: Determinar a frequência e os fatores associados à automedicação entre profissionais de enfermagem em uma maternidade localizada no interior de Goiás. *Metodologia:* o estudo empregou como método de abordagem o quantitativo, a pesquisa descritiva e o questionário como instrumento de coleta de dados que foram tabulados em planilhas do Excel e, em seguida, foi realizada análise descritiva, mediante uso de distribuições de frequências absolutas (n) e relativas (%). *Resultados:* A maioria dos respondentes são do sexo feminino (96,5%), solteiros (66,5%) e de cor parda (85%), com faixa etária de 25 e 34 anos (37%) e renda familiar da maioria de 1 a 2 salários mínimos (63%). O tempo de atuação da maioria dos respondentes é de 1 a 5 anos (63%), com carga horária de até 36h semanais (52%). A totalidade dos participantes (100%) afirmaram que já fizeram uso de algum medicamento sem prescrição médica, com uma frequência de automedicação de 1 a 2 vezes (48%). As principais causas da automedicação foram: dor de cabeça (92,5%), gripe ou resfriado (77,5%), cólica menstrual (59,5%), febre (52%) enjoo (52%) e os medicamentos mais usados foram: analgésicos/antitérmicos (89%) e remédios para resfriados e gripes (70,5%). O principal fator para a automedicação foi o conhecimento sobre o uso da medicação (66,5%). *Conclusão:* O estudo concluiu que a incidência de automedicação entre os profissionais da área da enfermagem é elevada, sendo os principais medicamentos usados os analgésicos e antitérmicos, e a principal causa da automedicação o conhecimento quanto ao medicamento.

Palavras-chave: Automedicação; Enfermagem; Saúde.

Abstract

Objective: To determine the frequency and factors associated with self-medication among nursing professionals in a maternity hospital located in the interior of Goiaz. *Methodology:* the study used as a method of approach the quantitative, descriptive research and the questionnaire as an instrument for data collection that were tabulated in Excel spreadsheets and then descriptive analysis was performed, using absolute (n) and relative (%) frequency distributions. *Results:* The majority of respondents are female (96.5%), single (66.5%) and brown (85%), aged 25 and 34 years (37%) and family income of the majority of 1 to 2 minimum wages (63%). The working time of most respondents is 1 to 5 years (63%), with a workload of up to 36 hours per week (52%). All participants (100%) stated that they have already used some medication without a prescription, with a frequency of self-medication of 1 to 2 times (48%). The main causes of self-medication were: headache (92.5%), flu or cold (77.5%), menstrual colic (59.5%), fever (52%) seasickness (52%) and the most used drugs were: analgesics/antithermal drugs (89%) and remedies for colds and flu (70.5%). The main factor for self-medication was knowledge about the use of medication (66.5%). *Conclusion:* The study concluded that the incidence of self-measurement among nursing professionals is high, and the main drugs used are analgesics and anti-thermal drugs, and the main cause of self-medication is knowledge about the medication.

Keywords: Self-medication; Nursing; Cheers.

¹ Faculdade Evangélica de Goianésia, Goianésia/GO, Brasil.

² Faculdade Evangélica de Goianésia, Goianésia/GO, Brasil.

INTRODUÇÃO

As transformações oriundas da consolidação da sociedade moderna introduziram novos hábitos e comportamentos no cotidiano dos indivíduos em todo o mundo. Dentre os novos comportamentos presentes na sociedade contemporânea, um deles refere-se à medicalização. De acordo com estudos atuais, ela se mostra um fenômeno complexo, polêmico e multifacetado (BITTAR; GONTIJO, 2015).

O consumo de medicamento é uma prática que relaciona em torno de si um conjunto de fatores. Estes estão ligados aos padrões culturais, ao nível de instrução, conhecimento acerca dos fármacos, práticas individuais e familiares, até fatores como a classe social e sujeição do indivíduo à influência da mídia (BITTAR; GONTIJO, 2015). A atuação destes fatores pode levar o indivíduo ao consumo desnecessário de medicamentos, muitas vezes, por conta própria, sem qualquer prescrição ou orientação médica (DOMINGUES *et al.*, 2017).

A seleção e uso de medicamentos sem prescrição e orientação médica é denominada de automedicação, e constitui uma das etapas do autocuidado (MATOS *et al.*, 2018). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação consiste na seleção e uso de medicamentos com a finalidade de tratar sintomas e doenças autorreferidas sem o devido aconselhamento de um profissional de saúde com competência para tal (WHO, 2011).

Dessa forma, a automedicação converteu-se em um problema de saúde pública, haja vista que esta prática é nociva à saúde. Dentre os principais danos à saúde advindos da automedicação, pode-se destacar a dependência medicamentosa, as reações alérgicas e o atraso no diagnóstico de doenças envolvidas (ARRAIS *et al.*, 2016; BITTAR; GONTIJO, 2015; DOMINGUES *et al.*, 2017).

Não obstante os riscos associados à automedicação sejam conhecidos em todo o mundo, fato é, segundo Arrais *et al.* (2016), que esta prática possui elevada prevalência em muitos países. Conforme destaca este autor, na Alemanha, a prevalência é de 27,7%; em Portugal, de 26,2%; na Espanha, 12,7%; em Cuba, 7,3%; em Atenas-Grécia, 23,4%. No Brasil, apesar de poucos estudos de base populacional mostraram que no país a prevalência da automedicação é de 35% (ARRAIS *et al.*, 2016; DOMINGUES *et al.*, 2017).

Nos últimos anos vários estudos têm revelado que a prática da automedicação tem aumentado entre profissionais da saúde (BITTAR; GONTIJO, 2015; DUARTE; DIAS; BRASILEIRO, 2011; PEREIRA *et al.*, 2017). Dentre os profissionais que atuam na área da saúde, destaca-se a prática da automedicação entre trabalhadores de enfermagem (BITTAR; GONTIJO, 2015).

Em estudo sobre a prevalência e fatores associados à automedicação em profissionais da enfermagem, Bittar e Gontijo (2015), constataram uma prevalência de 54% da automedicação entre auxiliares e técnicas de enfermagem; já entre enfermeiras, esta prevalência foi ainda maior, de 66%. O estudo revelou ainda que esta prática se mostra comum entre profissionais da enfermagem pela ocorrência de diferentes fatores, mas especialmente conhecimento sobre o uso dos medicamentos e a facilidade de acesso aos fármacos (LOPES; MATA, 2015; BITTAR; GONTIJO, 2015).

Diante do exposto, o presente estudo direciona sua atenção para a análise da incidência da automedicação entre profissionais da enfermagem que atuam em uma maternidade de um hospital particular localizado no Município de Goianésia, bem como busca identificar os principais fatores associados à esta prática.

METODOLOGIA

O presente estudo é uma pesquisa descritiva de abordagem quantitativa. Foi realizada em uma maternidade de pequeno porte localizada em um município do interior de Goiás, que possui em sua equipe: enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, totalizando 28 profissionais de enfermagem.

Participaram deste estudo apenas os profissionais da saúde ligados diretamente ao cuidado que atuam na maternidade, os quais estão distribuídos em três áreas de formação: enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. Assim, no tocante à amostra, esta é composta por 27 profissionais de enfermagem, sendo que o cálculo amostral foi realizado com base no número total de profissionais (n=28), considerando um nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%.

A técnica de coleta empregada no estudo foi o questionário semiestruturado, contendo apenas perguntas fechadas. As variáveis avaliadas foram distribuídas em fatores socioeconômicos (sexo, idade, cor/raça, estado conjugal, renda familiar e condição de moradia), fatores profissionais (categoria profissional, tempo de atuação, horário de trabalho, quantidade de locais de trabalho e horas semanais) e comportamentais (automedicação, tempo de automedicação, causas e motivos da automedicação e frequência da automedicação).

A coleta de dados ocorreu entre os meses de abril e maio de 2020 e obedeceu à escala de trabalho dos profissionais. O questionário foi entregue pessoalmente aos participantes, que o responderam em uma sala privativa, durante o expediente de trabalho. Os técnicos de

enfermagem e auxiliares responderam no período noturno, durante seu intervalo para almoço ou jantar, enquanto os enfermeiros responderam durante o seu turno de serviço.

Por fim, em relação à metodologia da análise dos dados, estes foram tabulados em planilhas do Excel e, em seguida, foi realizada análise descritiva, mediante uso de distribuições de frequências absolutas (n) e relativas (%). O projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE 29410920.3.0000.5076, e a coleta foi realizada após parecer técnico n. 4.230.095.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação às características sociodemográficas (Tabela 1), a maioria dos participantes são do sexo feminino (96,5%), solteiros (66,5%) e se considera parda (85%). Outros estudos apresentam a mesma constatação onde a maioria dos participantes é do sexo feminino (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020; SILVA *et al.*, 2015; PISSARRA; GALLARDO; ROSADO, 2017; PEREIRA *et al.*, 2018). Os resultados mostram a intensa feminização na área da saúde, especialmente no contexto da enfermagem e enfermagem obstétrica.

Quanto a faixa etária a amostra apresenta as amplitudes de variação: 25 e 34 anos (37%) e 35 e 44 anos (29,5%), somando ambos os resultados, verificou-se que a maioria dos profissionais de enfermagem possuíam faixa etária entre 25 e 44 anos (67,5%). Este resultado foi similar ao encontrado em outros estudos que trataram da automedicação entre profissionais da saúde onde a maioria tem a mesma faixa etária (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020; SILVA *et al.*, 2015).

É comum o consumo de medicamentos aumentar com a idade, no entanto estudos apontam a prevalência de uso de automedicação entre pessoas mais jovens e, correlacionam o nível escolar como fator preponderante para uso de medicamentos sem prescrição médica, visto que, os cursos na área de saúde, em geral introduzem farmacologia e devido a isso as pessoas sentem-se confiantes para usar remédios confiando no aprendizado adquirido. Quanto maior o grau de conhecimento, maior o nível de automedicação (PERIERA *et al.*, 2018; QUINTAL; SARMENTO; RAPOSO, 2015; ALVES *et al.*, 2019; ARRAIS *et al.*, 2016; COELHO *et al.*, 2017).

No que se refere a renda familiar dos participantes a maioria, 63% recebem 1 a 2 salários-mínimos mensais e residem em casa própria (85%). A categoria profissional mais recorrente foi o técnico de enfermagem (70,5%), resultado este verificado em outros estudos (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020; BITTAR; GONTIJO, 2015; PEREIRA *et al.*, 2018).

Ainda com base na Tabela 1, no que tange à carga horária dos profissionais de enfermagem que participaram deste estudo, constatou-se que a maioria trabalha 36h semanais (52%), resultado este constatado também nos estudos de Machado, Silva e Peder (2020) e Muniz et al. (2005). Este aspecto, somado com a constatação que 44,5% dos entrevistados possuem dois ou mais empregos e uma carga horária entre 36h e 50h semanais, este fato pode ser considerado para explicar a elevada frequência de automedicação.

Com relação ao tempo de atuação, constatou-se que a maioria dos participantes atua em suas respectivas áreas de 1 a 5 anos (63%). Em relação ao horário de trabalho, a prevalência é de profissionais de enfermagem que atuam no período diurno (55,5%), em um único local de trabalho (55,5%). Vários autores apontam que a realidade dos profissionais da enfermagem é complexa, visto que muitos estão exposto a possibilidade de diversos tipos de contaminação no ambiente de trabalho, por riscos biológicos, químicos e psíquicos, devido as responsabilidades assumidas durante a jornada de trabalho, considerando que a maior parte são mulheres, mesmo trabalhando apenas um turno no hospital, muitas tem obrigações domésticas, sendo assim, toda essa sobrecarga motiva a automedicação no intuito de promover a prevenção (SILVA *et al.*, 2015; PEREIRA *et al.*, 2018; PISSARRA; GALLARDO; ROSADO, 2017; MACHADO; SILVA; PEDER, 2020).

Tabela 1. Perfil sociodemográfico dos profissionais de enfermagem de uma maternidade do interior de Goiás, Brasil, 2020.

Variáveis	N	(%)
Sexo		
Feminino	26	96,5%
Masculino	1	3,5%
Idade		
18 a 24 anos	5	18,5%
25 a 34 anos	10	37%
35 a 44 anos	8	29,5%
45 a 54 anos	2	7,5%
55 a 64 anos	1	3,5%
65 ou mais	0	0%
Cor/raça		
Branca	3	11%
Parda	23	85%
Preta	1	3,5%
Amarela	0	0%
Indígena	0	0%
Estado conjugal		
Solteiro	18	66,5%
Casado	7	26%
Viúvo	0	0%

Outros	2	7,5%
Renda familiar		
< salário mínimo	1	3,5%
1 a 2 salários mínimos	17	63%
3 a 4 salários mínimos	7	26%
5 a 6 salários mínimos	2	7,5%
7 ou mais salários mínimos	0	0%
Condições de moradia		
Própria	23	85%
Alugada	3	11%
Cedida	0	0%
Outro	1	3,5%
Categoria profissional		
Enfermeiro	6	22%
Auxiliar	2	7,5%
Técnico	19	70,5%
Tempo de atuação profissional		
1 a 5 anos	17	63%
6 a 10 anos	7	26%
11 a 15 anos	2	7,5%
16 a 20 anos	0	0%
21 ou mais anos	1	3,5%
Horário de trabalho		
Diurno	15	55,5%
Noturno	8	29,5%
Misto	4	15%
Quantos locais de trabalho		
Um	15	55,5%
Dois ou mais	12	44,5%
Misto	0	0%
Horas semanais trabalhadas		
Até 36h	14	52%
De 36h a 50h	10	37%
Mais de 50h	3	11%

N – Frequência Absoluta; (%) Frequência relativa.

Em relação aos indicadores de automedicação (Tabela 2), a totalidade dos participantes (100%) afirmaram que fizeram uso de algum medicamento sem prescrição médica. Sendo assim, a automedicação é uma prática frequente entre os profissionais de enfermagem da instituição participante. Vários estudos apontam altos índices de automedicação entre o gênero feminino e/ou profissionais de saúde. Pissarra, Gallardo e Rosado (2017) detectaram a prática da automedicação em 74,6% dos profissionais de saúde entrevistados. Arrais *et al.* (2016), em estudo realizado no território nacional, com 40.833 participantes, encontraram que a prevalência de automedicação na população brasileira foi maior entre as mulheres da região Nordeste e Centro-Oeste. Barros, Griep e Rotenberg (2009) encontraram, ao entrevistarem 1509 profissionais de enfermagem, o percentual de automedicação de 71,9%. Bittar e Gontijo

(2015) relataram que 54% das técnicas de enfermagem e 66% das enfermeiras fazem uso de medicação sem prescrição para problemas de saúde.

Tabela 2. Automedicação entre profissionais de enfermagem de uma maternidade do interior de Goiás, Brasil, 2020.

Variáveis	N	(%)
Uso de algum medicamento sem prescrição médica		
Sim	27	100%
Não	0	0%
Tempo de uso da medicação		
1 dia	7	26%
2 dias	3	11%
3-5 dias	16	59,5%
mais de 5 dias, quantos?	1	3,5%
Complicação com o uso da medicação		
Sim, qual?	0	0%
Não	27	100%
Causas de que você considerou para a sua automedicação		
Dores musculares	11	40,5%
Cefaleia	25	92,5%
Dor pélvica dismenorreia	16	59,5%
Constipação	21	77,5%
Hipertermia	14	52%
Náuseas ou vômito	14	52%
Amigdalites	11	40,5%
Diarréia	10	37%
Otalgia	5	18,5%
Refluxo gastroesofágico	12	44,5%
Distúrbios alérgicos	11	40,5%
Outros	2	7,5%
Medicamentos automedicados		
Contraceptivos orais	15	55,5%
Corticoides sistêmicos (via oral)	9	33,5%
Analgésicos/ antitérmicos	24	89%
Corticoides nasais (sprays)	11	40,5%
Antialérgicos/anti-histamínicos	14	52%
Descongestionantes	13	48%
Anti-inflamatórios	13	48%
Gotas otológicas (para ouvidos)	5	18,5%
Xaropes para tosse	17	63%
Remédios para resfriado/gripes	19	70,5%
Antiasmáticos	2	7,5%
Antibióticos	13	48%
Outros	0	0%
Motivos para a automedicação		
Facilidade de acesso	9	33,5%
Conhecimento sobre o uso	18	66,5%
Costume/hábito	9	33,5%
Frequência de automedicação nos últimos 6 meses		
0 vezes	1	3,5%
1 a 2 vezes	13	48%

3 a 4 vezes	7	26%
Mais de 5 vezes	6	22%

N – Frequência Absoluta; (%) Frequência relativa.

O tempo de uso da medicação mais recorrente entre os participantes foi de 3 a 5 dias (59,5%). Além disso, revelou o estudo que a frequência da automedicação de maior ocorrência entre os participantes foi de 1 a 2 vezes (48%), seguida por 3 a 4 vezes (26%) nos últimos seis meses (Tabela 2).

O uso da medicação pela maioria dos participantes da pesquisa é esporádico, corroborando com o estudo de Silva *et al.* (2015). Os autores observaram que 100% dos enfermeiros e médicos e 73% dos técnicos de enfermagem de sua pesquisa fazem uso da automedicação. Deste percentual, entre os técnicos de enfermagem e enfermeiros, a maioria, 45% e 57%, respectivamente, afirmaram que fazem uso esporádico da automedicação. Pereira *et al.* (2018) observaram em seu estudo que 77,5% dos auxiliares e técnicos de enfermagem e 75% dos enfermeiros fazem uso frequente ou esporádico de medicações sem recomendação médica.

A totalidade dos participantes (100%) afirmaram não apresentar qualquer complicação em detrimento da automedicação (Tabela 2). Apesar do consumo de medicamentos ter sido curto e a totalidade dos participantes ter afirmado que não sentiu qualquer complicação, não se pode ignorar os riscos a que estão sujeitos estes profissionais em decorrência da automedicação, como as interações medicamentosas e ocorrência de retardo do diagnóstico pelo mascaramento dos sintomas e reações adversas (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020; BAGGIO; FORMAGGIO, 2009).

Usar medicamentos sem prescrição pode acarretar o agravamento de uma patologia preexistente, visto que poderá mascarar sintomas, criar resistência de microrganismos e comprometer a eficiência do fármaco usado. Outro fator preponderante é a combinação inadequada, em que, um medicamento anula ou potencializa o efeito do outro. Com isso pode ocorrer no organismo: reações alérgicas, intoxicações, resistência aos remédios, dependência e morte (BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE - BVS, 2020). Pereira *et al.* (2018) observaram problemas após o uso de automedicação em 8% dos profissionais participantes de sua pesquisa, os quais relataram intercorrências como: vômitos, diarreia, náuseas, refluxo gastroesofágico e sonolência.

As principais causas apontadas pelos profissionais de enfermagem para a prática da automedicação foram: dor de cabeça (92,5%), gripe ou resfriado (77,5%), cólica menstrual (59,5%), febre (52%) enjoo (52%) (Tabela 2). Bittar e Gontijo (2017) afirmaram em seu estudo

que as causas mais comuns para a automedicação entre profissionais de enfermagem são: cefaleia, dores em geral e gripes. Da mesma forma, Machado, Silva e Peder (2020) constataram que os fatores que precedem a automedicação são: cefaleia (36%) e dor muscular (21%).

Em relação aos medicamentos usados pelos entrevistados na automedicação, os que apresentaram maior ocorrência foram (Tabela 2): analgésicos/antitérmicos (89%) e remédios para resfriados e gripes (70,5%). Além destes, os entrevistados citaram como práticas o uso de xaropes para tosse (63%), contraceptivos orais (55,5%) e antialérgicos/anti-histamínicos (52%). Machado, Silva e Peder (2020), também observaram que os analgésicos foram a classe medicamentosa mais utilizada pelos profissionais da saúde na automedicação, correspondendo a 58,72% dos casos, seguido dos anti-inflamatórios não esteroidais (31,74%). De acordo com esses autores, o uso excessivo de analgésicos pode resultar em más condições de trabalho, levando a fadiga e ao uso de medicamentos pelo alto distúrbio musculoesquelético descrito entre trabalhadores de enfermagem (MUNIZ *et al.*, 2005; BARROS; GRIEP; ROTEMBERG, 2009; PISSARA; GALLARDO; ROSADO, 2017; SILVA *et al.*, 2018).

Quanto aos motivos que contribuíram para a automedicação, verificou-se como principal fator o conhecimento sobre o uso da medicação (66,5%). Apenas 33,55% citaram como motivo para a automedicação a facilidade de acesso e o costume ou hábito (Tabela 2). Nota-se uma relação direta entre o conhecimento em torno da medicação e a automedicação entre profissionais da saúde. Estes dados corroboram com resultados encontrados por Machado, Silva e Peder (2020), que demonstraram ser o principal motivo para a automedicação o conhecimento dos profissionais sobre os medicamentos. Também Silva *et al.* (2018), concluíram que os principais fatores associados à automedicação entre os profissionais da enfermagem vão desde o contato com diferentes tipos de medicamentos, o conhecimento de seu manuseio, suas ações e efeitos, até o fácil acesso ao medicamento. Outros autores também identificaram como principal motivo da automedicação o fácil acesso às substâncias por parte dos profissionais (BITTAR; GONTIJO, 2017; BAGGIO; FORMAGGIO, 2009; BARROS; GRIEP; ROTENBERG, 2009).

Sousa e Neta (2016) indicam que a desconstrução da automedicação no âmbito da saúde deve ter início na graduação, reforçando os riscos do uso inadequado e a importância da avaliação e prescrição realizada pelo médico. Os profissionais recém-formados precisam ter consciência de que o conhecimento adquirido sobre fármacos não é suficiente para respaldar a automedicação. Em instituições de saúde, o ideal é a avaliação periódica do estado de saúde de todos os profissionais, buscando a prevenção, evitando a automedicação, além da educação continuada, que contribui para adquirir a consciência do uso racional de medicamentos.

CONCLUSÃO

O estudo revelou que a incidência de automedicação entre os profissionais da área da enfermagem é elevada, sendo os principais medicamentos usados os analgésicos e antitérmicos, remédios para resfriado/gripe, xaropes para tosse e contraceptivos orais, usados com a finalidade de tratar dor de cabeça, gripe ou resfriado, cólica menstrual, febre e enjojo.

Salienta-se que os profissionais de saúde que atuam em ambiente hospitalar ficam expostos a maior desgaste físico e emocional, devido as rotinas e o estresse diários, e, nesse contexto buscam a automedicação para alívio de sintomas na crença de que sejam apenas reflexo do próprio trabalho.

Os participantes apresentaram como alegação para a automedicação a facilidade de acesso e o costume ou hábito, sendo indicado para a instituição pesquisa a realização de educação continuada, com intuito de modificar essas atitudes, reconhecerem os riscos da automedicação e conscientizar sobre o cuidado com a saúde, realização de exames periódicos para detecção de doenças e a importância de realizar acompanhamento médico especializado.

REFERÊNCIAS

ALVES, D.R.F.; ABRANTES, G.G.; MARTINS, H.K.A.; LIMA, A.M.C.; RAMOS, F.F.V.; SANTOS, A.C.M.; NOGUEIRA, W.B.A.G.; RIBIERO, G.S. Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. *Rev. enferm. UFPE on line.*, Recife, v. 13, n. 1, p. 363-70, fev., 2019.

ARRAIS, P.S.D.; FERNANDES, M.E.P.; DA SILVA, D.P.T; RAMOS, L.R.; MENGUE, S.S.; LUIZA, V.L.; TAVARES, N.U.L.; FARIAS, M.R.; OLIVEIRA, M.A.; BERTOLDI, A.D. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, v. 50, n. 2, p. 1-11, 2016.

BAGGIO, M. A.; FORMAGGIO, F. M. Automedicação: desvelando o descuidado de si dos profissionais de enfermagem. *Rev. enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, p. 224-8, 2009.

BARROS, A. L. R.; GRIEP, R. H.; ROTEMBERG, L. Automedicação entre os trabalhadores de enfermagem de hospitais públicos. *Rev Latino Am Enfermagem*, v. 7, n. 6, p. 1-8, 2009.

BITTAR, C. M. L.; GONTIJO, I. L. Automedicação entre as trabalhadoras de enfermagem. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*, v. 6, n. 2, p. 1229-38, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. (1998). *Portaria nº 3.916, de 30 de outubro de 1998*. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3916_30_10_1998.html. Acesso em: 23 ago. 2020.

BRASIL. (1986). *Lei no 7.498, de 25 de junho de 1986*. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7498.htm. Acesso em: 25 ago. 2020.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE (BVS)(BR). Automedicação. [S.l.: S.n., 20?]. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/automedicacao>. Acesso em: 18 out. 2020.

COELHO, M.T.A.D.; SANTOS, V.P.; CARMO, M.B.B.; SOUZA, A.C.; FRANÇA, C.P.X. Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. *Rev. Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 6, n. 1, p. 5-13, fev., 2017.

DOMINGUES, P.H.F.; GALVÃO, T.F.; ANDRADE, K.R.C.; SILVA, M.T.; PERIERA, M.G. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 26, n. 2, p. 319-330, 2017.

DUARTE, C.; DIAS, L. D.; BRASILEIRO, M. E. Automedicação e suas correlações com a prática de enfermagem: uma revisão de literatura. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2011.

FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ - FIOCRUZ. *Sinitox: Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas*. Disponível em: http://www.fiocruz.br/sinitox_novo/media/Tabela%203_2012.pdf. Acesso em 25 ago. 2020.

LOPES, A.M.; DA MATA, L.C. C. Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da Faculdade Ciências da Vida na cidade de Sete Lagoas/MG. *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2017.

MACHADO, J.; SILVA, C.M.; PEDER, L.D. Concepções sobre automedicação entre profissionais de enfermagem. *RPBeCS*, v. 7, n. 13, p. 10-15, 2020.

MATOS, J.F.; PENA, D.A.C.; PARREIRA, M.P.; DOS SANTOS, T.C.; COURA-VITAL, W. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. *Caderno de Saúde Coletiva*, v. 26, n. 1, p. 73-86, 2018.

MUNIZ, P.T.; MIRANDA, G.; MAIA, L.M.A.; LIMA, M.P.; LOPES, C.M. Adoecimento dos Enfermeiros da Rede Hospitalar do Rio Branco-ACRE-Brasil. *Online Brazilian Journal of Nursing*, v. 4, n. 1, p. 32-41, 2005.

PEREIRA, I.F.; FARIA, L.C.; VIANNA, R.S.M.; CORRÊA, P.D.S.; FREITAS, D.A.; SOARES, W.D. Depressão e uso de medicamentos em profissionais de enfermagem. *Arquivos de Ciências da Saúde*, v. 24, n. 1, p. 70-74, 2017.

PEREIRA, W.A.; ALMEIDA, J.A.R.; ASSUNÇÃO, R.G.; MOTTA, E.A.P. Prevalência de automedicação em profissionais de saúde de um hospital privado de São Luís-MA. *Rev. Investig. Bioméd.*, São Luís, v. 10, n. 2 p. 142-154, 2018.

PISSARA, I.; GALLARDO, E.; ROSADO, T. Prevalência da automedicação em profissionais da saúde. *Revista de ciências da saúde da ESSCVP*, v. 9, p. 1-9, 2017.

QUINTAL, C.; SARMENTO, M.; RAPOSO, V. Fatores Explicativos do Consumo de Medicamentos Não Sujeitos a Receita Médica em Portugal. *Acta Farmacêutica Portuguesa*, Coimbra, Portugal., v. 4, n. 1, p.53-66, ago., 2015.

SILVA, A.N.; CRUZ, C.A.; BEZERRA, A.L.D.; SOUSA, M.N.A. Automedicação: o descuido de si entre dos profissionais do serviço móvel de urgência e emergência. *C&D - Revista Eletrônica da Fainor*, v. 8, n. 2, p. 125-140, 2015.

SILVA, A.B.; BARROS, E.R.; SANTOS, E.L.; BARROS, F.C.A.; LIMA, M.C.B.; SANTOS, S.C.; LIMA, T.S.; SILVA, V.M.; MAIA, L.F.S. A automedicação e suas consequências entre profissionais de enfermagem. In: *Anais do Seminário de Produção Científica em Ciências da Saúde*. Carapicuíba, v. 1, n.15, 1-20, 2018.

SOUSA, D.R.P.; NETA, M.E. Automedicação por profissionais e acadêmicos da área da saúde: uma revisão de literatura. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, Três Corações, v. 14, n. 2, p. 965-974, ago./dez., 2016.

TOMASI, E.; SANT'ANNA, G.C.; OPPELT, A.M.; PETRINI, R.M.; PEREIRA, I.V.; SASSI, B.T. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas. RS. *Rev Brasil. Epidemiologia*, v. 10, n. 1, p. 66-74, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. *Collaborating Centre for Drug Statistics Methodology*. Norwegian Institute of Public Health. Structure and principles. Oslo: World Health Organization, 2011.

ANEXO – NORMAS DA REVISTA

Diretrizes para Autores

São aceitos trabalhos na categoria de Artigo Original nos idiomas português, inglês ou espanhol.

Não serão aceitos Relatos de Experiência.

A partir de Novembro de 2020 não serão mais aceitos Artigos de Revisão. Somente serão aceitas submissões de Artigos de Revisão quando solicitadas pela Equipe Editorial.

O nome dos autores não deve aparecer no corpo do texto e também devem ser eliminados trechos que prejudiquem a garantia de anonimato e traços de identificação da origem nas propriedades do documento. Os dados de identificação dos autores devem ser registrados diretamente e apenas nos campos apropriados da página de cadastramento do usuário. Deverão ser preenchidos, obrigatoriamente, os seguintes dados: instituições de origem, minicurrículo, respectivos e-mails, código Orcid. Esses dados não devem constar do arquivo Word enviado pelo portal.

Os trabalhos devem ser digitados em Word for Windows ou compatível,

letras tipo Times New Roman, tamanho 12,

papel formato A4,

espaçamento entre linhas de 1,5

margens (direita, esquerda, superior e inferior) de 2,5 centímetros.

Figuras e tabelas deverão ser inseridas no texto em ordem sequencial e numeradas na ordem em que são citadas no texto.

As referências deverão estar em acordo com as normas da ABNT: (Recomenda-se até 30 referências).

Ao menos 75% das referências devem ser dos últimos 5 anos.

As referências a autores no decorrer do artigo devem subordinar-se ao seguinte esquema: (SOBRENOME DE AUTOR, data) ou (SOBRENOME DE AUTOR, data, página, quando se tratar de transcrição). Ex.: (OFFE, 2018) ou (OFFE, 2018, p. 64). Diferentes títulos do mesmo autor publicados no mesmo ano serão identificados por uma letra após a data. Ex.: (EVANS, 2018a), (EVANS, 2018b).

As referências bibliográficas utilizadas serão apresentadas no final do artigo, listadas em ordem alfabética, obedecendo às seguintes normas (Solicita-se observar rigorosamente a seqüência e a pontuação indicadas):

Livro: SOBRENOME, Nome (abreviado). título (em itálico): subtítulo (normal). Número da edição, caso não seja a primeira. Local da publicação: nome da editora. ano.

Coletânea: SOBRENOME, Nome (abreviado) Título do ensaio. In: SOBRENOME, Nome (abreviado) do(s) organizador(es). Título da coletânea em itálico: subtítulo. Número da edição, caso não seja a primeira. Local da publicação: nome da editora. ano.

Artigo em periódico: SOBRENOME, Nome (abreviado) Título do artigo. Nome do periódico em itálico, local da publicação, volume e número do periódico, intervalo de páginas do artigo, período da publicação. ano.

Dissertações e teses: SOBRENOME, Nome (abreviado) título em itálico. Local. Dissertação (mestrado) ou Tese (doutorado) (Grau acadêmico e área de estudos). Instituição em que foi apresentada. Ano.

Internet (documentos eletrônicos): SOBRENOME, Nome (abreviado). (ano). título em itálico. Disponível em: [endereço de acesso]. [data de acesso].

As notas de rodapé devem ser numeradas ao longo do texto e utilizadas apenas quando efetivamente necessárias.